

*Para ler*  
*Raymond Williams*

Maria Elisa Cevasco  
São Paulo, Paz e Terra, 2001

MARCELO RIDENTI\*

Diante das mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais por que passa o mundo de hoje – e especialmente para enfrentar as dificuldades colocadas para aqueles que se propõem a compreender a realidade para transformá-la – é imperativo (re)visitar certos autores, como Raymond Williams. Por isso, é muito oportuno o livro de Maria Elisa Cevasco, que oferece ao leitor uma interpretação consistente do conjunto da obra do grande pensador britânico da cultura, tentando “resgatar a possibilidade de uma posição crítica efetivamente empenhada” (p. 20).

Como bem expõe a autora, Williams toma a cultura como “experiência ordinária” de todos, produto e produção de um modo de vida determinado, que envolve um “modo de luta”.

A cultura não se restringiria às obras de arte, elas também resultantes de uma cultura ordinária. Nessa medida, a crítica da cultura seria “um modo de compreender e aferir a organização da vida em um determinado momento histórico” (p. 50). O artista compartilharia com todos “o que se chama de imaginação criativa: ou seja, a capacidade de encontrar e organizar novas descrições da experiência, e transmiti-las”. Tomar a criatividade como ordinária equivaleria “a ver a arte como uma especificação de um processo geral de descoberta, criação e comunicação, redefinindo seu estatuto e encontrando a maneira de ligá-la à vida social” (p. 53).

Em síntese,

o materialismo cultural de Williams se abstém de reconhecer um estatuto

\* Professor do Departamento de Sociologia da Unicamp.

especial para as obras literárias: a questão é examinar as relações entre as condições materiais de produção e de recepção das obras sem colocar nenhuma condição que as coloque à parte, em um domínio separado da vida social, mesmo que for para elevá-la como promessa de liberação humana (p.179).

No texto aparecem também as relações do pensamento de Williams com outros marxistas, como Gramsci, Lukács, Goldmann, Brecht, Althusser, os autores da Escola de Frankfurt e também do chamado marxismo britânico. Williams sempre pensando a cultura como indissociavelmente imbricada à política e à economia, numa totalidade contraditória, o que envolve questionar certas simplificações da metáfora da base e da superestrutura, e correspondente idéia simplificadora da cultura como reflexo de uma base socioeconômica. Assim, ele fala num *materialismo cultural* para pensar a unidade qualitativa do político, do econômico e do cultural no mundo contemporâneo.

A postura de Williams no debate no interior do marxismo – concorde-se ou não com suas idéias e seus conceitos específicos – parte de um pressuposto geral que deveria ser comum a todos os que se reivindicam herdeiros de Marx, ou seja, a recusa da velha que-rela “isto é marxismo, aquilo não é”: nas palavras de Williams, “não sendo membros de uma igreja, não devemos nos preocupar com heresias” (p. 136). De Gramsci, especialmente, Williams

retoma e amplia o conceito de hegemonia, indissociável da idéia de determinação, retomada de Marx, que envolveria um “processo de exercer pressões e colocar limites” (p. 148). Sua “ênfase no vivido, na experiência” (p. 154) por certo não o torna palatável a muitos autores, como os marxistas da escola althusseriana, com quem manteve um diálogo crítico, explícito ou não em suas obras.

No capítulo final e mais longo do livro (p. 181-277), a autora mostra como Williams trabalhou na prática com o materialismo cultural, ou seja, como ele interpretou a produção cultural, em que buscava a unidade qualitativa do processo social: 1. suas análises literárias de romances ingleses; 2. estudos sobre a televisão, de que é um pioneiro no âmbito do marxismo – a televisão abordada como “o dispositivo mais adequado ao modo específico de organização social sob o capitalismo tardio” (p. 230), mas também promessa potencial de “prover acesso universal à comunicação e à cultura” (p. 224); 3. pesquisas sociológicas sobre “formações” intelectuais específicas – o grupo de Bloomsbury, portador de uma “revolta juvenil e modernizante”, fundamental para o modernismo na Inglaterra, grupo visto por Williams como “uma mudança no interior da classe dominante”(p. 252); 4. os livros propositivos de Williams, *The long revolution* (1961) e *Towards 2000* (1983), nos quais o autor elabora uma forma de analisar que “contribua para uma mudança real” (p. 258).

A autora desenvolve o texto em linguagem clara e fluente, mas não se espere uma leitura fácil, nem um resumo simplificador dos conceitos de Williams, que são abordados em profundidade no livro, como os de *materalismo cultural* e de *estrutura de sentimentos*, fundadores de uma nova leitura marxista no domínio da cultura. O livro mostra também com pertinência como Williams resgata para o marxismo conceitos geralmente apropriados indevidamente pelos conservadores, como os de comunidade e de tradição. Ademais, não foram esquecidas referências indispensáveis para compreender a trajetória crítica de Williams: a origem familiar popular no campo, a formação acadêmica sólida em Cambridge, uma participação breve no Partido Comunista da Grã-Bretanha, depois seu engajamento na New Left, entre outros aspectos de uma história de vida coerente com suas idéias e de que sempre se orgulhou.

A indiscutível qualidade acadêmica do texto de Cevasco – que resulta de uma elogiada tese de livre-docência em Letras na USP – em momento algum esconde o empenho político da autora na “mudança radical de organização da sociedade”. Mais ainda, longe de expor as idéias de Williams de um modo distanciado, ela se engaja numa defesa apaixonada do pensamento radical do autor, com o qual se identifica plenamente. Ela defende com afinco o engajamento radical de Williams, ao contrário de certos acadêmicos, os quais também

se reivindicam herdeiros de Williams e dos seus *cultural studies*, que viraram moda na Inglaterra e nos Estados Unidos: para Cevasco, eles estariam afastados da crítica radical da ordem capitalista, “tingidos pela lógica da mercantilização” (p. 18).

Seguindo exemplo do próprio Williams, Cevasco evita uma técnica retórica muito em voga na academia, “a de construir um oponente teórico que não existe”. Ao contrário, ela dá nome a seus adversários, que seriam também os de Williams, por exemplo, a tradição da crítica conservadora britânica, inspirada em Leavis, e um marxismo simplificador no terreno da cultura, como o de Caudwell na Inglaterra nos anos 1930.

O livro é muito bem-informado e estabelece um diálogo explícito ou implícito com as principais correntes contemporâneas de interpretação da cultura, especialmente as britânicas. Tamanha é a familiaridade da autora com o marxismo inglês, que às vezes se tem a impressão de estar diante de um livro traduzido: quase todos os interlocutores e referências bibliográficas são britânicos. De um lado isso indica o preparo intelectual da autora, mas de outro deixa o leitor um pouco perplexo: tirando raras referências a intelectuais brasileiros (por exemplo, duas notas referentes a Otília Arantes na p. 16 e uma a Antonio Candido na p. 252), e uma menção a estar “posicionada no Brasil” (aqui ela faz uma das poucas concessões aos não familiarizados com o debate cultural inglês, para explicar

a figura central de Leavis na história cultural britânica do século XX, p. 59), a obra dá poucos sinais de ter sido escrita por uma brasileira. Nem mesmo são citadas na bibliografia as traduções dos livros de Williams no Brasil, infelizmente poucas e não muito difundidas – como *Cultura e sociedade* (Companhia Editora Nacional, 1969), *Marxismo e literatura* (Zahar, 1979) e *O campo e a cidade* (Companhia das Letras, 1989). Mas isso não impediu que Williams tivesse influência em estudos brasileiros de literatura, ciências sociais, história, filosofia etc., especialmente a partir do final dos anos 1970.

Evidentemente, analisar essa influência não era o objetivo do livro – mas não seria demais sugerir que a autora ou outro intelectual se dedicasse a escrever pelo menos um artigo a respeito. Não obstante, Williams ainda é pouco conhecido aqui e sua obra nunca recebera um estudo sistemático em português, o que aumenta a importância do livro de Cevalco e talvez ajude a explicar por que uma brasileira se propôs a escrever esse belo texto, muito bem-vindo, à altura do pensamento do autor, que pode ajudar a enfrentar os dilemas político-culturais por que estamos passando.

RIDENTI, Marcelo. Resenha de: CEVASCO, Maria Elisa. Para ler Raymond Williams. São Paulo: Paz e Terra, 2001. São Paulo, Boitempo, v.1, n. 15, 2002, p. 151-154.

***Palavras-chave:*** Cultura; Raymond Williams; Materialismo cultural.